Aonde os afetos nos levam: leituras do mal-estar de Foucault, do desassossego de Pessoa e do tédio de Ozu

Carolina Rodrigues Freitas e Silva

Orientador: Prof. Dr. Edson Farias

Curso: Doutorado em Sociologia

Data da defesa: 04.06.2021

Este trabalho mobiliza o conceito de *episteme*, de Michel Foucault (1999), para formular a hipótese de uma *episteme* do afeto. A partir dessa hipótese, procura-se, no primeiro capítulo, desenhar um esquema analítico sustentado especialmente nas reflexões de Baruch Spinoza (2009) sobre o afeto e nos seus desdobramentos na teoria contemporânea. Os afetos são feixes que se expõem nas análises. No primeiro capítulo, ensaia-se a análise dos afetos a partir da leitura de *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966), de Foucault. Esse modo de análise é retomado nos capítulos seguintes, quando se desce aos detalhes e especificidades dos objetos empíricos em análise. No segundo capítulo, analisa-se o *Livro do desassossego* (1982), de Fernando Pessoa; e, no terceiro, filmes de Yasujiro Ozu, especialmente os do pós-guerra. Procura-se defender a tese de que a perspectiva afetiva nos coloca em uma posição privilegiada para uma releitura original e criativa de textos e imagens já bastante lidos e vistos, como as que tomamos como objetos de análise neste trabalho. O interesse pelos afetos nos leva a reler esses textos e imagens de outro modo. Essa releitura não é uma busca por desvendar o que está oculto ou na sua origem ou ainda para além desses textos e imagens. Os afetos são artefatos analíticos que nos possibilitam perceber o minúsculo, o sutil, o desapercibido. Eles nos habilitam a perceber as microfísicas que animam esses textos e imagens. Adotar a perspectiva afetiva é ser contemporâneo, nos termos que define Giorgio Agamben (2009: 60). É “olhar para o que se tem diante dos olhos e ver mais do que é dado a ver”. No esforço de leituras originais e criativas das obras citadas, mobiliza-se uma vasta bibliografia, convocando autores ligados à filosofia, à sociologia, aos estudos da literatura, do cinema e dos afetos. Nesse arcabouço, destacam-se as reflexões de Charles Baudelaire (2015; 1996), Walter Benjamin (1969; 1987; 2017; 2009), Georg Simmel (1973; 2006), Roland Barthes (1984; 2004) e Immanuel Kant (2016) sobre a sensibilidade moderna,

as de Agamben (2009) e Michel Maffesoli (1998; 2006) sobre a sensibilidade contemporânea, as de Terry Eagleton (2005) e Gyorgy Lukács (1968) sobre a literatura; as de Gilles Deleuze (1985; 2013) e Serguei Eisenstein (2002) sobre o cinema e as de Spinoza (2009), Deleuze e Félix Guattari (2007), Brian Massumi (2002) e Eugenie Brinkema (2014) sobre os afetos. Baseada nesses e em outros autores, a tese, em três movimentos, atravessa *As palavras e as coisas*, o *Livro do desassossego* e filmes de Ozu, para, nesta travessia, encontrar o mal-estar de Foucault, o desassossego de Pessoa e o tédio de Ozu, afetos que nos levam ao outro lado do pensamento ou ao que Foucault (1999) chamou de o impensado.

Palavras-chave: Afeto. Literatura. Cinema. Modernidade. Contemporâneo.